

ÁLVARO MARTINS
A CAPELA MILAGROSA
(NOTAS E IMPRESSÕES)
FORTALEZA
1898
CEARÁ

CAPELA MILAGROSA
(Notas e Impressões)

SUMÁRIO – Parte Histórica – CAP. I: Ereção da primeira capela; seus fundadores; transformações e melhoramentos por que tem passado a mesma; administração dos bens, fortuna e patrimônio de São Francisco; influência conciliadora e benéfica do Bispo Diocesano; irmandades. – CAP. II: Romeiros e peregrinações; primeiros milagres operados; descrição do templo e das festas; - PARTE TRADICIONAL – CAP. I: Os milagres em geral; ligeiras interrogações; casa dos ex-votos; descrição dos casos principais, conforme a tradição. – CAP. II: Considerações finais; conclusão.

FORTALEZA
 TYP. UNIVERSAL – RUA FORMOSA, 33
 CUNHA FERRO & C. - 1898

AO MEU AMIGO
 Padre Luiz de Souza Leitão

AO MEU AMIGO
 Monsenhor Antero José de Lima

PRÉAMBULO

Em fins de Maio do ano passado, os editores Cunha, Ferro & C^a, procuraram-me por duas vezes em minha residência, e pediram-me com insistência que escrevesse um livro sobre SÃO FRANCISCO de Canindé, visto possuir eu larga cópia de notas e documentos relativos à milagrosa capela.

Faltando-me estudos especiais e competência para escrever sobre assunto de tanta magnitude, relutei a princípio; porém, depois melhor inspirado, e já tendo adotado um plano geral de obras descritivas sobre o Ceará, no intuito de torná-lo bem conhecido, resolvi traçar as paginas que ora submeto à apreciação do público.

É este um livro escrito para o povo, e como tal o fiz em linguagem singela e simples, ao alcance de todas as inteligências e cultivos.

Bem se vê, nesta obra, o leitor não deve procurar grandezas de estilo, nem sutilezas de arte.

O assunto, porém recomenda a obra; e, se esta não pode valer pelos recursos intelctuais que falecem ao autor, vale ao menos pela boa intenção que a ditou e pelo esforço empregado na sua confecção.

Fortaleza, 27 de Abril de 1898
Álvaro Martins

Nos fins do seculo passado, o português Francisco Xavier de Medeiros, vindo com uma bandeira dos sertões da Paraíba, estabeleceu-se à margem do rio Canindé. Em virtude de explorações feitas naquelas zonas, e pelo direito de sesmarias, ali se transportaram mais tarde o comandante Simão Barbosa Cordeiro; Julião Coelho da Silva, que lançou os fundamentos da fazenda Longá, e deu nome ao afluente do Canindé que desemboca um pouco acima da antiga povoação de N. S. da Barra; e Antônio dos Santos Lessa, tronco da numerosa família Lessa, que se estabeleceu no sítio denominado Lisbôa. Todas essas fazendas empregavam-se na exploração das terras devolutas e criação de gados.

A ereção da antiga capela de S. Francisco das Chagas data do ano de 1775, e foi iniciada pelo primeiro donatário das terras do Canindé, sendo a doação das terras, que constituem o patrimonio da mesma, feita em 1787 pelo capitão Antônio Alves Bezerra.

Em 1776, foram suspensos os trabalhos da capela, devido à grande seca que então assolou a Capitania.

As obras, segundo a tradição, foram concluídas definitivamente em 1796.

De então para cá, tem sido tais e tantos os reparos e melhoramentos feitos que, pode-se dizer, já nada mais existe da antiga capela.

Atualmente a matriz de S. Francisco é um belo templo cuja riqueza e magnificência admiram. Sem possuir as proporções de Candelaria, no Rio de Janeiro e os delineamentos da capela do Coração de Jesus, na Fortaleza é sem duvida um dos mais belos e magestosos templos do Brasil.

Filia-se à antiga arquitetura clássica.

Pelo lado externo nada oferece de notável. O interior, porém, denota a mais severa riqueza; e, ao penetrar-lhe as abobadas suntuosas, aqueles que a visitam pela primeira vez, sentem-se possuídos de maior respeito e admiração.

O primeiro administrador conhecido dos bens e patrimônio da capela foi a padre João José Vieira, que prestava suas contas na então Vila da Fortaleza perante o procurador geral de capelas, Luiz Manoel de Moura Cabral. Este sacerdote faleceu em 1812, sendo substituído por Manoel Mendes da Cruz Guimarães, o qual recebeu das mãos do antigo comandante Simão Barbosa Cordeiro, além dos bens pertencentes à capela, cinco oitavas de prata e quatro e meia de ouro. Em 1819, foi substituído este administrador por Joaquim Marques Vianna.

Por alvará de 30 de Outubro de 1807(observação: a data certa é 1817!), passou a capela de São Francisco a ser matriz colada, sendo nomeado vigário o padre Francisco de Paula Barros, cuja nomeação foi confirmada pelo bispo de Pernambuco Dom frei Antônio de S. José Bastos em 1º de Agosto do citado ano.

Marques Vianna foi substituído por Manoel Barbosa Cordeiro, o qual ficou alcançado para com o padroeiro.

A este administrador sucedeu Manoel Luiz de Magalhães, que gereou os bens de São Francisco, de 1855 a 1859, sendo afinal condenado pelo desfalque de 3:832\$600 reis.

No ano acima citado teve benefício do cargo de procurador Manoel Luiz, que foi substituído em 1868 por Jerônimo José de Almeida Junior, o qual ficou alcançado para com os cofres de S. Francisco, sendo demitido.

Foi então nomeado para o cargo o capitão Manoel Luiz de Magalhães, procurador da confraria, que gereou com a maior honestidade os bens de São Francisco.

O padre Luiz de Souza Leitão em seu valioso inédito “Esboço histórico”, cuja leitura tem me orientado na confecção deste trabalho, diz:

“Em 1887, pelo juiz de direito da comarca foi provisoriamente nomeado tesoureiro José Jacintho Mendes Machado, que entregou mais tarde a administração a João Pinto Damaceno, o qual por sua vez passou-a ao respectivo tesoureiro coronel Antonio Martins Júnior.

Nessa época foi nomeado procurador o senador Clementino Finéas Jucá, incumbido de administrar os serviços e reparos da matriz, nos quais com o maior escrúpulo e honestidade despendeu-se a quantia de 40 contos de reis.

Todos os anos o tesoureiro e o procurador prestavam contas, apresentando saldos a favor do cofre.

De 20 de Setembro de 1891 a 11 de Outubro de 1892 as contas da confraria de São Francisco foram prestadas perante a autoridade diocesana, sendo então procurador e tesoureiro Antonio Xavier Macambira e José Rabello Cordeiro.

De 1892 a 1893 o tesoureiro José Rabello Cordeiro da Cruz prestou conta oferecendo um saldo de 19:176\$422 reis.

Em 1893 e 1894 exerceu o cargo de tesoureiro João Pinto Damaceno, o qual incluído o saldo anterior apresentou o de 71:000\$000 reis.

De 1894 a 1895 o tesoureiro José Rabello Cordeiro da Cruz apresentou contas perante a cúria episcopal, mostrando a receita de 93:075\$560 reis e a despesa de 63:692\$659 reis.

Atualmente o dinheiro que existe conforme se deduz da escrituração recente, é o seguinte: - em poder do atual tesoureiro Francisco Liberato Bezerra Borges 9:000\$000 reis, deixados em caixa. Além desse dinheiro, entraram mais, depois do encerramento do balancete financeiro, 9:000\$000 réis extraídos do cofre.

Em poder de sua Exc^a Rvd^a Dom Joaquim José Vieira, bispo da Diocese existe 67:000\$000 de reis e 437 oitavas de ouro.

Em 1896, o bispo diocesano, no sentido de melhor amparar os bens, fortuna e patrimônio de São Francisco, e na qualidade de chefe supremo da Igreja no Estado, nomeou uma comissão efetiva para gerir ditos bens e patrimônio, a qual se compõe do vigário de Canindé padre Manoel Cordeiro da Cruz, do capelão Luiz de Souza Leitão e de um tesoureiro honestíssimo, os quais exercem as suas funções regulamentares, e emanadas do paço episcopal.

Existiam em Canindé três irmandades; a do Sacramento, criada pelo visitador geral, cónego Antônio Gomes Coelho a 1819; a de N. S. das Dores, instalada a 1º de Janeiro de 1817 e a de São Francisco, instituída para promover as festas do padroeiro, em 1821. Esta última irmandade foi abolida por ato do paço episcopal de 6 de Agosto de 1897.

II

O movimento de romeiros, que se tem estabelecido em torno da capela de São Francisco, data da fundação da mesma nos fins do século 18. Já no começo deste século era grande o número dos que se dirigiam aquelas paragens; assim o atestam as tradições que nos foram transmitidas pelos nossos avós.

Referem os antigos que, quando se deu começo as obras da capela, um pedreiro que trabalhava no alto da torre, dali desprendeuse casualmente. Gritando por São Francisco das Chagas, ficou suspenso do ar, preso pela camisa à extremidade de um andaime, d’onde foi retirado são e salvo, recomeçando a trabalhar.

Conta-se mais que, quando o português Xavier de Medeiros deu começo a ereção da capela, o terreno escolhido para este fim pertencia a três proprietários. Sucedeu, porém que, depois de iniciadas as obras, aqueles se negaram a ceder o terreno. E logo um deles caiu gravemente doente, falecendo poucos dias depois. Igual sorte teve o segundo. O terceiro e último sentindo-se também doente, fez votos a São Francisco, de não mais pôr obstáculos a edificação de seu templo, e assim conseguiu restabelecer-se imediatamente.

Estes fatos, e outros não menos significativos, fizeram ao que parece nascer à confiança do povo daí deriva naturalmente a corrente religiosa, que tem aumentado progressivamente através do século.

O movimento de fiéis realiza-se em todas as épocas do ano especialmente no mês de Outubro, que é consagrado à festa do Patriarca.

Essas peregrinações partem de todos os pontos do Estado, sendo engrossadas pelas correntes que descem do Amazonas, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Sergipe, Pará, Maranhão e Bahia.

Nas proximidades da festa e durante a festa as estradas e as ruas principais de Canindé tornam-se intransitáveis, tal é o número de romeiros que afluem de toda a parte! Estes, semelhantes aos emigrantes no tempo da seca, formam verdadeiros cordões movediços, que se agitam interminavelmente ao longo dos caminhos. Entre os peregrinos tem-se visto estrangeiros que, atraídos pela fé por curiosidade, tem vindo de países longínquos e remotos.

A formosa vila enfeita-se então com todas as galas para receber seus hóspedes: Os sinos bimbam alegremente no ar; o templo abre suas portas para receber os fiéis – e, uma multidão imensa, por assim dizer, universal, composta de indivíduos de todos os estados e posições, de todas as castas e idades, ricos ou pobres, negros e brancos, velhos e crianças invade as ruas e praças formando o mais vivo e interessante contraste.

A igreja matriz enche-se completamente; ali mal se pode respirar! E as infinitas luzes tremulantes, a riqueza dos altares, as suntuosidades das alfaias e paramentos sacerdotais dão-lhe um aspecto que deslumbra e fascina. Uma multidão imensa, quase fanatizada e de joelhos, rodeia, dia e noite, o magestoso templo, penitenciando-se.

Durante a festa improvisam-se jogos, danças e outros divertimentos públicos, mas a única preocupação do povo é o culto cristão.

O recinto da hospitaleira vila é às vezes insuficiente para abrigá-los. Arman-se cabanas provisórias à margem das estradas e no leito do rio, e muitos se instalam à sombra das árvores.

As casas que lhes são destinadas erguem-se numa eminência, onde a multidão formiga em procissões constantes. Essas massas humanas são compostas em grande parte de indivíduos enfermos, cegos, aleijados, leprosos, loucos, surdos e neuróticos que, ligados por um sentimento comum, presos pelos laços da esperança e de infortúnio, se confundem e se amalgamam numa mesma onda de Fé e martírio. Dali, como do bojo de uma nau em tormenta, irrompem às vezes gritos, soluços, gemidos, imprecações; outras vezes são cânticos e preces que se erguem no Céu.

Os que se aproximam da vila ao avistar as torres brancas da igreja, sentem-se dominados por um vivo sentimento de Fé e esperança. Uma alegria imensa illumina os semblantes cavados pelo desalento; os membros perdendo a lassidão e o cansaço readquirem força e coragem; a distância desaparece, e com ela todos os desejos e inquietações; todas as dores e máguas caem no olvido – e a alma, rejuvenecida, alegre e reanimada, melhor se volta para Deus. Este sentimento, porém, cresce à proporção que os romeiros se aproximam ao templo. Muitos enfermos sentem-se já fortalecidos e curados, outros iluminados pela crença julgam até então nunca ter vivido! E ao penetrar

as abóbadas sagradas, cuja sombra é o mais doce de todos os refúgios, a mais suave e verdadeira de todas as consolações, esquecem para sempre as fadigas da viagem, as dores e o desassossego, as dúvidas e incertezas do caminho, todas as ocupações enfim que enchem o espírito dos desesperados da sorte, para sentir sobre o coração os eflúvios da graça inefável – reflexo da divindade!

Terminadas as festas voltam de novo às suas habitações e labores. Os caminhos enchem-se novamente. Os sinos e os rumores da festa se calam: e a vila fica por algum tempo deserta.

Os que alcançaram fé voltam as mais das vezes curados de seus defeitos e enfermidades: - cegos que viram novamente a luz, aleijados que podem caminhar, deixando as moletas às portas do templo; surdos que podem ouvir, loucos que recuperaram a razão; lazaro e neuróticos que se sentem curados e sadios cantam, - ao regressar aos seus lares, hinos sagrados que, o sofrimento ao passar, imprime sobre os corações: um júbilo imenso, uma alegria formidável, dilata-lhes o seio em aspirações mais puras e sinceras, o oxigênio da fé retempera-lhes a alma, e com o pensamento volvido para Deus, cantam com a glória da ventura reconquistada, a aleluia sublime do amor e da esperança.

Bendito sejas tu, ó divino discípulo do Senhor – reflexo sublime da divindade; tu que tens redimido tantas dores e conquistado tantos corações; bendito sejas tu que beijaste com teus lábios puríssimos as chagas dos leprosos, e tens por uma invocação constante aos pés de Deus o dom de dar refúgio a todos os desgraçados, consolação a todos os aflitos!...

PARTE TRADICIONAL

SUMÁRIO – CAP Iº: Os milagres, em geral; ligeiras interrogações; a casa dos ex-votos; descrição dos casos principais, conforme a tradição. **Cap. II** Considerações finais: conclusão.

Os casos extraordinários operados pela invocação de S. Francisco das Chagas, de Canindé, passaram das fontes de rapsódia ao domínio tradicional.

Já ninguém, pelo menos em nosso meio, ignora que a corrente religiosa estabelecida em torno da celebrada imagem, o culto que lhe é prestado anualmente, a riqueza e magnificência do seu templo são provas veementes da influência exercida no coração do povo.

Não queremos discutir ou comprovar a verdade de todos os casos, que nos são revelados; concordamos mesmo que alguns deles são exagerados pelo fanatismo. É certo, porém, é claro, é positivo, que milhares de criaturas enfermas têm no ardor de sua fé readquirido o alento salutar do corpo e do espírito.

Conta-se por milhares as curas de enfermidades de toda a sorte, de estranhos defeitos e deformidades – casos assombrosos diante dos quais a ciência ficaria perplexa.

A que atribuí-los? Donde essa fonte geradora de tanta luz! – donde esse poder imenso e sobrenatural, que prende e fascina os espíritos?

Lançamos aqui estas interrogações, e passamos adiante.

Cabe aos homens que se dizem da ciência, aos livres-pensadores dar solução ao fato.

Quanto a nós reservamo-nos apenas ao papel de cronista, e como tal descrevemos.

Em Canindé, na casa chamada dos *exvotos* existem atualmente cerca de 3.000 votos em barro, gesso, cera, madeira, etc. Ali vê se, numa profusão imensa, numa

promiscuidade assombrosa – quadros, fotografias, formas e símbolos de troncos mutilados, braços e pernas decepadas ou cortadas, ventres rasgados e extirpados e cabeças cobertas de tumores e chagas feridas disformemente inchadas e gangrenadas, peitos inflamados, em fim, - uma série monstruosa de casos patológicos – espécie de museu tenebroso – onde podem ser estudados à clara luz do dia todos os estranhos fenômenos da enfermidade humana.

Releva notar que os milagres representados por símbolos sobem a mais de 6.000, metade dos quais foram queimados, porque já não havia edifício, que pudesse os comportar.

Passamos agora a descrever dentre os infinitos casos alguns que nos foram transmitidos pela geração atual.

E para que possa ditos casos chegar ao alcance de todas as inteligências, e para que sejam contados em todas as gerações, onde se fala o nosso idioma, daremos ao nosso estilo – como até agora temos feito – uma linguagem singela e simples, quase tosca, sem arrubos de fantasia, nem atavios de forma.

O Dr. F., médico, residente nesta Capital, homem de sentimentos nobres, porém alheio, como a maior parte dos da sua profissão, a prática da fé e religião. Tendo-lhe aparecido uma ulcera na mão direita, a qual tomou um caráter grave e assustador, foi até a casa de um amigo, e disse-lhe estar perdido visto ter a ferida tomada a forma gangrenosa e ser preciso cortar a mão.

Esse amigo, homem muito religioso, aconselhou-o que recorese a S. Francisco das Chagas de Canindé, e acrescentou: - *para que o seu voto seja verdadeiro, é preciso que você se humilhe, pois a humildade é a porta da bemaventurança.* O médico voltou para casa muito preocupado, à noite não pode dormir, e no dia seguinte sentindo-se tocado da graça divina, fez promessa a S. Francisco de sair à rua pedindo esmolas para uma missa, com a Imagem, na cabeça, se ficasse curado da ferida.

Logo no dia seguinte sentiu-se melhor: a mão começou a desinchar e de negra que estava, foi voltando à cor primitiva, e no fim de duas semanas achava-se completamente curado.

Cumpriu a promessa feita, conforme testemunhou a própria pessoa, que nos revelou este fato.

Em um lugarejo, que existe nas proximidades do Trahiry, vivia antigamente José e Maria, dois lavradores pobres.

Este casal tinha uma única filhinha de dois anos, que era sua fortuna, e o seu encanto.

Sucedeu que um dia tendo José ido para o roçado – a mulher, deixando a filha a dormir na choupana – foi bater roupa no alagadiço próximo. Súbito, Maria ouviu uns gritinhos, que vinham da casa, e, com aquele instinto natural das mães, deixando a roupa no corador, correu a casa com o coração cheio de tristes presentimentos...

Ao chegar ali, um quadro horrível deparou-se-lhe aos olhos: a criança fora acometida por um porco que, penetrando na camarinha, começava a devorá-la.

A desgraçada mãe, louca de dor e de angústia, arrancou mais rápida do que um raio, a inditosa criança das garras do medonho animal, e erguendo-a em seus braços gritou três vezes: *Valha-me o sagrado nome de S. Francisco das Chagas!...*

Os gritos da pobre mulher foram tão altos que o marido ouviu-os no roçado, que ficava a uma grande distância.

A criança, porém, para satisfação de seus pais, apesar da fera ter-lhe devorado os pés e ferido o ventre, escapou e viveu por longos anos...

Na casa dos *ex-votos*, em Canindé, existe um símbolo, em madeira, de uma moça que em tempos idos – atravessando um caminho deserto de uma fazenda para outra próxima foi surpreendida por uma onça brávia, que a perseguindo, conseguiu alcaçá-la abrindo-lhe o ventre.

A desgraçada, no transe doloroso, lembrou-se de São Francisco e pediu com fervor que não a deixasse morrer no abandono e sem confissão.

O milagroso santo ouviu a sua prece, pois logo foi encontrada pelos parentes, e sendo chamado a toda pressa um sacerdote, administrou-lhe os últimos sacramentos.

-

F. F. pescador, sendo surpreendido em alto mar por uma grande tempestade, foi lançado às ondas pelo vento. Noite profunda, escura, terrível! Ondas maiores que montanhas!

O desgraçado valeu-se de São Francisco de Canindé, e conseguiu ser impelido por um vagalhão até a costa.

Vendo-se salvo foi visitar a milagrosa capela e agradecer a graça obtida.

-

Inúmeros são os casos, que nos revelaram de indivíduos salvos de mordeduras de cobras venenosas, tais como cascavel, saramanta, jararaca, boi-peba, etc. Além destes casos, que são conhecidos no Canindé, há diferentes casos, de curas anônimas, que não são reveladas.

Entre os votos antigos que foram queimados por já não haver local onde guardá-los, havia um representando um homem perseguido por uma serpente. O caso deu-se assim:

N., lavrador, descia a serra da Uruburetama, pelo lado da Santa Cruz, quando foi fisgado por uma cobra de veado, de tamanho descounal.

O infeliz, preso pelas nádegas, lutou com a terrível serpente, durante longas e angustiadas horas.

Pode-se imaginar o horror que sente o indivíduo agarrado por uma serpente asquerosa que procura envolvê-lo nas suas roscas meles e escamosas e devorá-lo?!

O desgraçado, ora recuando, ora arrastado pelo terrível ofídio, cuja cauda prendia-se ao tronco de uma árvore, sentiu-se, afinal, desalentado, e coberto de suores frios imaginava-se já triturado e descendo pela garganta do monstruoso animal. Súbito, lampejou-lhe uma ideia no cérebro. Lembrou-se de São Francisco, e fez votos. Tal foi a sua fé que se sentindo reanimado, fez um esforço sobrehumano e conseguiu livrar-se da fúria do nojento animal, deixando-lhe entre as garras pedaços da própria carne.

-

Os antigos contam com insistência o seguinte fato, que é talvez um dos mais curiosos e extraordinários.

Referem que uma moça dos sertões de Pernambuco, filha de um fazendeiro rico, adoeceu dos olhos e cegou.

Este fato causou naturalmente profundo desgosto no seio da família.

A donzela, porém, melhor avisada, resignada, dizia ao pai que tinha fé em São Francisco, e que recuperaria a sua vista. Com efeito, um dia em que estava prostrada no seu oratório, ouviu uma voz dentro do seu coração que lhe dizia: - *Vai á Capela de S. Francisco, dá-lhe o teu ouro, dá-lhe a tua devoção e merecerás a sua graça...* A moça relatou logo o caso ao pai, que a aconselhou a empreender uma viagem ao Canindé.

- São Francisco me dará os meus olhos – dizia ela, cheia de viva fé.

No dia seguinte, guiada por um parente, tomou a pé, e sem mantimentos, porque conforme a promessa feita pedia esmolas, a beira do caminho- o rumo da milagrosa Capela. Foi-lhe um martírio a travessia sobre as areias ardentes, os áridos sertões

desertos. Fome, sede, febre, insolação, fundados receios e dolorosas apreensões, nada deteve o passo à animosa moça que, à proporção que se aproximava do lugar desejado, melhor sentia-se penetrada de uma luz benéfica, de uma graça inefável. Ao fim de alguns dias de viagem, divizou o vulto do seu guia, depois as árvores, as pedras, os matos. Finalmente, ao entrar pela primeira vez na Capela, tal foi a sua fé que imediatamente recuperou totalmente a vista.

Alguns dias demorou-se em Canindé, em penitência e orações, e regressando aos lares, mandou, conforme havia prometido, todo o seu ouro para o santo.

Passados tempos, alguém a interrogou sobre o maravilhoso caso, indagando se era verdadeiro.

Ela afirmou que sim, - acrescentado... “recuperei a vista, mas o meu ouro ficou lá”...

Afirma-se que esta moça, à noite, ao deitar-se encontrou dentro da rede todo o ouro, que havia dado ao santo.

-

Os antigos referem também o caso de uma jovem que num momento de desvario, insultara a própria mãe, pelo que, ficou com o braço morto; a língua preta e a boca horrivelmente torcida.

Arrependida, e cheia de imensa devoção, fez voto a São Francisco, e ficou curada.

Desde então se tornou a melhor e a mais exemplar das filhas.

-

L.L. acusado de um crime nefando, tendo saído livre no Júri, embarcou para o Amazonas. Ali se meteu nos seringais, onde tratou de fazer fortuna. Um dia caçando nas matas, transviou-se, e não acertou mais com a estrada do barracão.

Ele próprio nos referiu que passou 3 meses perdido nas florestas do Amazonas. Pode-se imaginar os sofrimentos, por que passou esse homem. Nu, faminto, crivado pelos espinhos, mordido pelos insetos, dormindo à noite sobre a lama putrida dos igarapés, sem ouvir uma voz humana, assombrado diante da solidão imensa da natureza virgem – cujos rumores sombrios e indistintos têm todas as vozes, todos os gemidos da melancolia humana, -- emagreceu, envelheceu, embranqueceram-se-lhe os cabelos, tornou-se por assim dizer um fantasma de si mesmo.

Muitas vezes tentou suicidar-se, e desejou ser mordido de uma serpente venenosa para livrar-se da vida... Porém as serpentes, como os animais bravios, fugiam à sua passagem, como que aterrorizadas. As noites ali eram profundas e tenebrosas; o vento gemia nas árvores gigantescas, em sussurrações tristonhas e plangitivas...

Um dia, o desgraçado disposto a morrer e certo que o seu martírio era a punição do crime cometido, subia a uma árvore e amarrou um cipó ao pescoço, de repente teve uma ideia. Ah!- disse consigo mesmo – na minha terra existe um santo, que tem operado milagres; é São Francisco das Chagas do Canindé. Ele me valerá.

E saltando em terra ajoelhou-se, e cheio de maior contrição, fez votos de tornar-se um homem de bem um defensor de todas as causas justas, e de todos os fracos e oprimidos. Ergueu-se; circunvagou o olhar em torno. Súbito, sobre a terra viu pegadas recentes. Era um rasto humano...

Uma alegria imensa, que não se pode narrar que não se pode exprimir, e que uma só vez na vida pode-se sentir, encheu-lhe o peito. O seringueiro tomou o rumo da pégada, e em breve deu num barracão de cearenses, que o acolheram fraternalmente. Ali se demorou alguns dias, e depois revendo e indagando os lugares, por onde andara perdido, viu que se afastara muitas léguas do seu barracão.

L. L. ainda vive, e ao que parece, tem cumprido o seu voto.

-
Conta-se por milhares o número de cegos que, tendo perdido a vista, tem-na recuperado, graças à intervenção do Patriarca. Poderíamos conseguir aqui dezenas de casos, que nos foram narrados. Nos sertões de Canindé é crença geral que até cegos de nascença têm adquirido a vista. Este fato considerado à luz da ciência é assombroso. Por ventura poderia se descrever a sensação que sente um homem que nasceu cego, isto é, que nunca viu a luz, o céu, o mar, as árvores, a natureza em fim, e de repente vê tudo isto?!... Como imaginaria ele as coisas!

Em 1877 a cegueira tornou-se quase endêmica, devido à mucunã a insolação e a muitas outras causas de enfraquecimento físico. Desses cegos, quase um terço recuperou a vista.

Muitos fizeram promessas a São Francisco; outros visitaram a capela.

Um desses cegos – poeta campestre – ganhou o mundo, improvisando cantigas. Entre estas cantava os milagres de São Francisco, em trovas repassadas de doçura e sentimento.

-
Os romeiros referem o caso de uma moça de Pernambuco, que tendo convidado algumas companheiras para tomar garapa num engenho, aproximou-se, por acaso, das rodas do mesmo, sendo apanhada pelos cabelos. Ia ser esmagada entre as rodas do engenho, quando gritou por São Francisco das Chagas de Canindé. Subitamente os animais que o moviam pararam como que obedecendo a um impulso superior, e a moça foi retirada, salva e sã, dentre as rodas fatais.

-
Há entre os votos um, - que representa um vaqueiro, amparando os intestinos com as mãos. Ele referiu que correndo no mato, atrás de um novilho bravo, este – voltando-se rapidamente, deu-lhe uma terrível pontada com os chifres, rasgando-lhe o ventre. O desgraçado, sozinho, em lugar ermo, pungido pelas mais cruciantes dores, amarrou os intestinos, que começavam a cair, com a fralda da camisa, e fez votos a São Francisco, para que lhe conservasse a vida. Apesar do seu estado lastimável conseguiu voltar a casa, e em poucos dias achou-se completamente curado.

-
Uma moça de Mossoró referiu ao Padre Leitão que, achando-se paralítica, fez promessas a São Francisco de Canindé, de se ficasse boa, empreender uma viagem à sua santa morada.

No dia seguinte sentiu-se melhorada e algum tempo depois completamente curada; pelo que empreendeu viagem ao Canindé, cumprindo desta forma o voto que fizera.

-
Na casa dos ex-votos existe uma figura representando um doido com os pés presos a um tronco.

A mulher refere que, achando-se o marido louco, furioso, foi preciso amarrá-lo a um tronco. Há esse tempo fez uma promessa a São Francisco, e em breve o marido recuperou totalmente a razão, voltando de novo à vida e ao trabalho.

-
É conhecido também, no Canindé o fato de um indivíduo que recebendo diversos ferimentos, e um profundo golpe no pescoço, foi abandonado pelos seus malfetores, no lugar Meirelles, próximo a Fortaleza. Ali passou ele onze dias sem comer nem beber; foi encontrado desformemente inchado, já quase devorado em vida pelos tapurus.

O fato produziu então grande sensação nesta Capital.

O doente recolhido ao hospital da Misericórdia foi medicado pelo Dr. Eduardo Salgado.

O autor destas linhas que então exercia o cargo de redator do *Libertador* escreveu, sob o pseudônimo de – Alvarins – os seguintes versos (veja-se o *Libertador* de 20 de Janeiro de 1891):

...infeliz que durante dez dias não comeu, nem bebeu, e foi vítima dos bichos que o roiam.

(*Libertador*, de 20 de Janeiro de 1891)

Onze noites de fome!
Exposto ao sol, exposto a chuva, exposto ao vento!
Não existe, de certo, maior tormento...
É um martírio sem nome!

Ouvir perto de si a funda mágoa do oceano largo,
A soluçar a sua eterna dor,
E, sem uma gota d' água,
Sentir nos lábios o sabor,
Da sede sempre amargo!...

Depois a febre depois
O fervilhar dos vermes
Sobre os membros enormes!
E a podridão que exala
A boca das chagas gangrenadas
Sem ao menos poder erguer a voz,
Rasgando com os dentes as vestes ensanguentadas!
Encarcerado em si mesmo, sem fala...

E poder ouvir e ver tudo
Dias! Noites! Auroras, arrebóis
Atormentado e mudo!
No seu martírio atroz!
A rolar sobre a areia
A clamar pela morte
Vendo! E ouvindo! Dentro d' alma que anseia
Os negros turbilhões
A lúrida corte
Dos delírios! Dos tormentos! Das podridões

Morrendo de fome, de sede abandonado
Sobre túmulos vivos
Como mais infeliz de todos os cativos...
Ou como Prometeu agrilhado
A um cau... sedição
Pior do que granito, movediço,
Preso a garra da febre que o consome
E do abutre da fome
Em convulsões estranhas

A devorar-lhe vivo as entranhas!!

E... Lembrar-se, talvez que tem irmã
 Virtuosa e gracil
 Suave como um raio da manhã
 Ou uma rosa aberta ao pelo abril
 E que ela a mesma hora
 Descuidada em seus brincos infantis,
 Ai! Nem pensa no irmão que tanto adora,
 Porque o julga feliz.

Agora me cai, leitor,
 A frágil pena da mão
 Porque não há coração
 Que possa pintar a dor.

Perante as puas secretas,
 Das mágoas negras e turvas,
 Não há retas, não há curvas,
 Todas as curvas... São retas!

É assim, em face o terror
 Dos calvários do Universo,
 Finda a medida do verso
 Aonde começa a dor...

Porque o Divino Jesus,
 Enchendo o mundo de assombros,
 Carregou sobre os seus ombros
 O peso da imensa Cruz.

Mas, aquele desgraçado,
 Da sorte ao rude baldão,
 Foi (que horror!!) crucificado
 Sobre o pobre coração.

Refere o desgraçado, que no transe doloroso, valeu-se de São Francisco do Canindé, a ele implorou amor e piedade, e assim conseguiu salvar-se.

No Acarape é geralmente conhecido o caso de um rapazinho aleijado que, morando naquele lugar, pedia esmolas arrastando-se nas ruas, pelo que tinha os joelhos e as mãos constantemente feridos.

Referem que um dia fez uma promessa a São Francisco das Chagas, e logo empreendeu viagem ao Canindé.

Arrastando-se, mas cheio de Fé e resignação, fez uma travessia de muitas léguas embora deixando sobre as pedras dos caminhos os vestígios indeléveis de sua passagem.

Quando penetrou pela primeira vez na milagrosa Capela, ajoelhou-se contritamente e fez uma longa oração. Ao erguer-se, viu diante dos olhos a Imagem de São Francisco. Fazendo um esforço sobrehumano, conseguiu com mãos frágeis e

vacilantes, apegar-se as bordas do altar. Neste interim, ouviu uma voz serena e misteriosa, que lhe dizia:

-Se tens verdadeira Fé, segue! Pedro caminhou sobre as águas.

O peregrino, largando então as bordas do altar caminhou, como si até então nada tivesse sofrido.

Em breve voltou à sua terra, onde viveu ainda longos anos.

Fortaleza, 1898.

II –

Toda gente conhece a história edificante de Lourdes. Sabe que, a essa fonte perene afluem anualmente, de todos os pontos do universo, milhares de peregrinos e enfermos que vão procurar em suas agus milagrosas a perdida esperança da vida, o reconforto d'alma, a saúde, enfim.

Lourdes, porém, fica em um dos principais países da Europa – a França, razão porque se tem propalado aos quatro ventos do mundo a gloriosa fama de sua assombrosa celebridade.

A Capela da virgem Mãe erguida e engrandecida, com o óbulo de todos os seus devotados, é templo riquíssimo, cujas torres resplendem cheias de glória e fulgor. Sob os tetos das naves suntuosas brilham as colunas de ouro maciço, os altares faiscantes de gemas e canelluras, as flores de prata, as rosaceas e os troféus. Rescendem as flores perfumadas que os peregrinos todos os anos trazem de estranhos e remotos países...

Pode se estabelecer um *simile* entre Lourdes e Canindé.

A obscura Capela cearense, mal conhecida do seu país, é também uma nova Lourdes, onde os flagelados da sorte vêm buscar alento e conforto.

Como em Lourdes, aqui não existe água, cuja eficácia miraculosa possa ser estudada pelo lado científico.

Há somente um templo, - torres brancas, que servem de guia ao transviado viajor do deserto.

Porém aqui, como lá, existem as inefáveis sensações da Fé, as supremas delícias da crença, as emoções sagradas da piedade. Naves, tetos, altares colunas repetem os hínos e antífonas do Amor; Deus ali fala pela boca invisível dos arcanjos; o olhar da Virgem illumina as abobadas que apregoam a sua glória e divindade; e no seu nicho obscuro, resplende a imagem do Patriarca, cujo olhar é fonte perene, onde os homens de boa vontade encontram consolo a todas as mágoas, perdão para todos os crimes!

FONTES HISTÓRICAS DE CANINDÉ

Canindé é uma terra mística que encanta as pessoas de fé, porque existe nesta terra um grande mistério do amor e da misericórdia de Deus, que se manifesta através dos milagres e das curas, das bênçãos e das graças operados por São Francisco das Chagas. Na intimidade vivida diariamente com este mistério cresce a cidade que acolhe doentes e sofredores, devotos e romeiros do Brasil inteiro, mas sobretudo do Nordeste sofrido e chagado, mas também teimoso na esperança e solidário na fé.

As crianças e os jovens de Canindé somente vão amar sua terra natal em profundidade, quando conhecerem bem suas raízes de fé e de devoção, a história do Santuário de São Francisco das Chagas pesquisada e contada pelos mais velhos.

Escolhi umas fontes históricas e pedi ao professor de português do Colégio Menino Jesus e da Escola Profissional Capelão Frei Orlando, José Narcélio Agostinho Bastos, que elaborasse uma versão escolar destas fontes, para que os alunos pudessem estudar num português atual estes escritos antigos e pudessem se identificar com o destino desta terra maravilhosa seguindo a Jesus no jeito de São Francisco.

Frei João Sannig – OFM
Santuário-Paróquia de São Francisco das Chagas
Arquivo Paroquial - Praça da Basílica, s/n, Centro - Canindé-Ceará
CEP: 62.700-000 – Site: www.santuariodecaninde.com